

## Trabalhos Científicos

**Título:** Perfil Epidemiológico De Sífilis Congênita No Estado Do Rio Grande Do Sul De Janeiro A Novembro De 2023.

**Autores:** ISADORA SOARES (URI - ERECHIM), FERNANDA CAVALETTI DEVENS (URI - ERECHIM), ALBERTO ANDRÉ PIPPI SCHMIDT (CONSULTÓRIO DE PEDIATRIA)

**Resumo:** A sífilis congênita é transmitida pela bactéria *Treponema pallidum* por via transplacentária ou por contato direto. De acordo com o Ministério da Saúde, a taxa de transmissão vertical varia entre 70 a 100 por cento em mulheres não tratadas na primeira fase (SONDA, 2013). O diagnóstico é feito em recém-nascidos com mães que apresentaram testes treponêmicos ou não treponêmicos positivos e podem apresentar sintomas precoces ou tardios. O tratamento é feito com penicilina por ter mínima toxicidade (ARRIETA, 2023). Analisar o perfil epidemiológico do estado do Rio Grande do Sul, em relação à prevalência de casos de sífilis congênita no ano de 2023. Estudo ecológico, retrospectivo, quantitativo e descritivo, com dados obtidos a partir de consultas realizadas no Sistema de Informações Hospitalares (SIH/SUS), pela plataforma do DATASUS, referentes ao período de janeiro a novembro de 2023. Analisou-se o estado do Rio Grande do Sul, bem como a faixa etária, sexo e raça/cor das crianças acometidas pela doença. O Rio Grande do Sul apresentou 1.050 casos de sífilis congênita no período entre janeiro a novembro de 2023, totalizando 59,4% dos casos totais da doença na Região Sul (1.766 casos no total). A cidade com maior número de notificações foi a capital Porto Alegre, com 273 casos. Conforme a pesquisa, dos 1.050 casos no estado, 1,041 deles foram diagnosticados antes do primeiro ano, caracterizando a sífilis congênita precoce. Ainda, 528 recém-nascidos eram meninas e 522 eram meninos, sendo que 797 bebês diagnosticados eram brancos (75,9%). Por fim, a taxa de mortalidade foi de 0,09 por cento, sendo notificado apenas um óbito, em São Leopoldo. Com base na análise dos dados, é possível concluir que a sífilis congênita tem maior incidência na forma precoce, ou seja, antes dos dois anos de idade. Fatores de risco incluem a transmissão vertical da bactéria espiroqueta *Treponema pallidum* de mães infectadas para seus fetos. Quando não tratada, o feto pode sofrer com diversas consequências, incluindo óbito fetal ou perinatal. O Rio Grande do Sul apresentou os maiores números de sífilis congênita dos três estados da Região Sul, evidenciando uma falha na realização dos pré-natais e tratamento de mulheres infectadas e seus parceiros. Além disso, mesmo que a incidência da doença no ano de 2023 tenha sido alta no estado, houve apenas um óbito. A pesquisa não mostrou diferença significativa de diagnóstico entre os sexo dos bebês e, mesmo que os números sejam maiores entre crianças brancas, vale ressaltar que o estado é predominantemente branco. Portanto, é notório que o grande problema está na lacuna de assistência a gestantes. A falha na cobertura integral do pré-natal está interferindo nas taxas altas de casos de sífilis congênita no estado. Logo, é necessário um rastreamento de gestantes de forma mais eficaz pelo SUS, além do estímulo à permanência dessas gestantes nos programas de atendimento primário, a fim de evitar a transmissão vertical de sífilis congênita.